**INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS EVANGELHOS 2**

**LIVROS ORIGINAIS QUE FORAM USADOS NA BÍBLIA**

Ousaremos, neste ensaio, perquirir a autoria da Criação “Javista” e a autoria da criação “Eloísta”. Isto posto, temos a dizer que talvez não se tenha ainda examinado uma candente questão : a Bíblia nos oferece **três**  relatos da Criação, aos quais denominaremos Gênese I, escrito por volta do século X , no reinado de Salomão, Gênese II, escrito na Palestina após o cativeiro da Babilônia e Gênese III, de data ainda incerta, porém contemporâneo dos mitos ugaríticos e cananeus.

Todos os três anteriores a Cristo, portanto. Este último relato, de tradição “Javista”, parece ser pouco conhecido. É a reconstituição, através dos textos bíblicos, de um relato antigo, o qual foi, em tempos anteriores ao profeta Jeremias, e até ele, de leitura frequente e parece que Jeremias ou alguém de sua época, o expurgou da literatura bíblica, provavelmente por ser igual aos relatos criacionistas dos mitos pagãos. Hoje, um número cada vez maior de respeitáveis estudiosos da bíblia oferecem à leitura e à apreciação essa narrativa. Como já dissemos, eis aí o Gênese primitivo, reconstituído segundo textos bíblicos ( Gn. III ) :

Deus (Javé) criou o firmamento completo, com o sol, a lua e as estrelas, com uma palavra de ordem. Revestido com uma gloriosa vestimenta de luz, deu ao firmamento a forma de uma tenda redonda, confeccionada para cobrir o abismo. Depois de encerrar as águas superiores em uma prega de sua vestimenta, instalou seu pavilhão secreto sobre o firmamento, cercando-o com uma densa obscuridade, enfeitou-a com as sombras e sentou suas vigas sobre as águas superiores. Ali erigiu seu trono divino. (Salmos 33,6; 104,2-6; 18,10-12; 93,1-2. Isaías 40,22; 44,24; 50,30. I Reis 8,12.)

Enquanto realizava a obra da Criação, Deus (Javé) cavalgava através do abismo, montado em nuvens ou em querubins ou ainda nas asas da tempestade. Colhia os ventos que passavam, deles fazendo seus mensageiros. Firmou a Terra sobre bases seguras, pesando cuidadosamente as montanhas, fundindo algumas como pilares sobre as águas do abismo, arqueando a Terra sobre elas e fechando o arco com uma chave formada pelas demais montanhas. (Salmos18,10; 104,3-5; 65,7. Naum 1,14; provérbios 30,4. Isaías 40,12.)

As águas rugidoras do abismo se elevaram, e Tehom, Rainha do Mar, ameaçou inundar com elas o trabalho de Deus (Javé). Mas ele correu com seu carro de fogo e lançou sobre ela sucessivas tempestades de granizo, raios e trovões. Matou seu aliado, Leviatã, com um certeiro golpe no crânio, e ao monstruoso Raab, atravessando seu coração com uma espada. Atemorizadas com sua voz, as águas de Tehom se acalmaram. Os rios retrocederam pelas colinas e desceram pelos vales distantes. Tehom, atemorizada, reconheceu sua derrota. Deus (Javé) bradou seu grito de vitória e secou a inundação, até que apareceu a terra seca. Mediu no côncavo da mão a água restante, derramou-a no leito do mar e pôs dunas de areia como seu limite perpétuo. Pronunciou um decreto que Tehom não poderia infringir por mais que rugissem suas ondas salgadas, pois estava como que fechada por uma porta na qual ele havia passado um ferrolho. (Salmos 93,3; 89,11; 104,6-8; 74,13-14; 18,15-16; 33,7. Job 9,13; 26,12-13; 38,8-11. Jeremias 31,35; 5,22. Isaías 51,9; 40,12.)

Logo Deus (Javé) mediu a terra seca, fixando seus limites. Permitiu que as águas doces de Tehom surgissem como mananciais nos vales e que a chuva caísse suavemente sobre os cumes das montanhas nas nascentes das alturas. Assim fez com que brotassem a erva e a vegetação para o gado; fez também os grãos e a uva para alimentar o homem, e fez os cedros do Líbano, para que dessem sombra. Ordenou à lua que marcasse as estações do ano; e ao sol que dividisse o dia da noite e o verão do inverno; e às estrelas que diminuíssem a obscuridade da noite. Encheu a Terra com animais, aves e répteis; o mar, com peixes e monstros marinhos; permitiu que as feras vagassem de um lado para outro depois de escurecer, mas enquanto o sol ficasse no céu deveriam estar nas suas tocas. ( Salmo 74,7; 104,10-26. Job 38,5. Jeremias 31,35.)

Os luzeiros da manhã que observavam a obra da Criação, prorromperam em um canto festivo e todos os filhos de Deus ( de Javé) gritaram de alegria. ( Job 38,7 )

Havendo terminado assim a obra da Criação, Deus (Javé) se retirou para um santuário no monte Farán, na terra de Teman. Sempre que ele sai de sua morada, a terra treme e os montes fumegam. (Habacuc 3,3. Salmo 104,32). In Patai, Rafael e Graves, Robert – LOS MITOS HEBREOS. Alianza Ed., Madrid, 1988.

**O DEMIURGO**

Este relato bìblico da criação, nomeado por nós de Gênese III, é similar a vários outros de civilizações anteriores a dois mil antes de Cristo. Transcreveremos abaixo o relato babilônico equivalente:

“Construiu Marduk um arco, fixou-lhe bem a corda. Levantou a maça, com a mão direita empunhou-a; arco e aljava pendurou no ombro, à sua frente colocou o relâmpago; com uma chama resplandecente envolveu o próprio corpo. Fez, então uma rede para com ela envolver Tiamat. Postou os quatro ventos, para que ela não lhe pudesse escapar, o Vento Sul, o Vento Norte, o Vento Leste, o Vento Oeste. Junto a seu lado trazia a rede, dádiva de seu pai, Anu. Libertou IMHULLU, o Vento do Mal, o Redemoinho, o Furacão, o Vento Quádruplo, o Vento Sétuplo, o Ciclone, o Vento sem Par;

Enviou à frente os ventos (=espíritos) que tinha libertado, todos os sete.

Para açular as entranhas de Tiamat, os ventos (espíritos) se levantaram. Então o Príncipe levantou o Dilúvio, sua possante arma. Subiu no Carro-Tempestade, irresistível e aterrador. Arreou e atrelou a ele quatro corcéis, o Matador, o Implacável, o Atropelador, o Veloz. Afiados eram seus dentes, plenos de veneno. Eram exímios em devastação, hábeis em destruição.

Seu halo assustador cingia-lhe a cabeça e o Príncipe avançou seguindo seu rumo, em direção à furiosa Tiamat. Seguiu sem desviar os olhos. Em seus lábios trazia pasta vermelha; uma erva contra veneno levava na mão. Então os deuses fizeram um círculo à sua volta.

O Príncipe aproximou-se para esquadrinhar o interior de Tiamat e aproximou-se de Kingu, consorte dela, para bem observar o ardil. Enquanto ele olha, seu curso ( de Kingu ) se torna indistinto, sua vontade se aturde e suas ações se desordenam. E quando os deuses seus ajudantes, que marchavam a seu lado, avistaram o valoroso Herói, a visão deles turvou-se.

Tiamat pronunciou um grito, sem virar o pescoço. Desprezo enfurecido armando-se em seus lábios.

( Marduk fala : )

Demasiadamente importante és tu Tiamat, para que eu, o Senhor dos Deuses, me levante contra ti! É no território deles que vocês se reuniram ou em teu território?

Dando sequência, o Príncipe levantou o dilúvio, sua possante arma, e à colérica Tiamat assim falou:

Estás pujantemente assomada, soberbamente altaneira; insuflaste teu próprio coração a provocar o conflito, de maneira que os filhos repudiam seus próprios Pais, e tu que os destes à luz, os odeias. Exaltaste Kingu como teu consorte; a autoridade de Anu foi substituída pela autoridade ilegítima de Kingu. Contra ANSHAR, rei dos deuses, pretendes o mal. Contra os deuses, meus Pais, confirmaste tua maldade. Ainda que tuas forças estejam equipadas com tuas armas, levanta-te para que tu e eu nos enfrentemos em combate individual!

Ouvindo Tiamat essas palavras, ficou possessa: esvaiu-se-lhe a razão. Em doida sanha, gritou. Suas pernas tremeram de alto a baixo. Recitou um encantamento, pronunciou seu feitiço, enquanto os deuses da batalha preparavam suas armas.

Entraram, então em luta Tiamat e Marduk, o mais sábio dos deuses; empenharam-se em combate individual, atracados na batalha. O Príncipe estendeu a rede para envolve-la, e o Vento do Mal, que vinha logo atrás, Marduk soltou no rosto dela. Quando Tiamat abriu a boca para devorá-lo, Marduk fez por ela entrar o Vento do Mal para que seus lábios não se fechassem. E enquanto o Vento feroz estufou seu ventre, o corpo dela se distendia e sua boca se abria ampla. Com a flecha que disparou, o Príncipe rasgou-lhe a barriga, atravessou suas vísceras, fendeu-lhe o coração. Assim, subjugando-a, sua vida ele extinguiu, atirando ao chão o cadáver, sobre ele se postou. Após ter matado Tiamat, a líder, o bando dela ele destruiu, a tropa se desfez.” ( in Eliade, Mircea – O Conhecimento Sagrado de todas as Eras. Editora Mercuryo Ltda, S. Paulo, 1995 ).

Este relato detalha a luta de Javé contra Tehom, em seu equivalente babilônico.

Os melhores autores eruditos - e estudiosos das Religiões e Mitologias Comparadas - afirmam ter o escritor bíblico sido influenciado pela literatura babilônica. Há mesmo, segundo se diz, um imenso débito dos escritores da Bíblia para com a literatura dos caldeus. Esta página da mitologia babilônia é uma prova dessa assertiva.

Marduk seria uma divindade semelhante a Javé; Tiamat equivale a Tehom, Rainha do Mar, no Gênese III; e Kingu é o homólogo a Behom.

Interessante é notar que a iconografia cristã, seguindo as descrições feitas nas narrativas acima, consagrou a figura de São Miguel Arcanjo e São Jorge como representativas do Herói da batalha travada pela instauração da Ordem Cósmica.





No livro do Apocalipse é resumido assim, sinteticamente:

“ Houve grande luta no céu. Miguel e seus Anjos pelejaram contra o Dragão. Também pelejaram o Dragão e seus anjos. Todavia, não prevaleceram; nem se achou mais no céu lugar para eles. E foi expulso o grande Dragão, a Serpente antiga, o diabo...” ( Apc. 12,7-9 ).

ATÉ A PRÓXIMA LIÇÃO!

D. de Caxias, 15 de maio de 2015.

Prof. Marlanfe.